

O Real e sua implicação no corpo nas psicoses

*João Ezequiel Grecco**

Resumo

O presente trabalho tem o propósito estabelecer uma articulação do conceito lacaniano do Real no que tange a direção do tratamento e a clínica das psicoses. O Real, a ex-istência do in-mundo, ou seja: isto que não é o mundo, é o Real, afinal dele não se pode esperar nada de vínculo, nem tão pouca articulação, mobilidade ou outra condição, seja de fato resistência e impasse, mais do que isso; irreduzível a lógica, a metamorfose do imaginário, barreira ao simbólico, o Real não é o mundo. O Real nessa nossa articulação estaria em direção do impossível, e, além disso, no uso da expressão “o que não para de se inscrever”, levemos essa máxima um pouco mais além.

Palavras-chave: REAL, PSICOSES, GOZO, OUTRO, FORACLUSÃO

The real and its implications in the body of psychoses

Summary

The present work aims to establish an articulation of the Lacanian concept of the Real regarding the direction of treatment and the clinic of psychoses. The Real, the ex-sistence of the in-world, that is: that which is not the world, is the Real, after all, one cannot expect anything from a bond, nor even little articulation, mobility or any other condition, whether in fact resistance. and impasse, more than that; irreducible to logic, the metamorphosis of the imaginary, barrier to the symbolic, the Real is not the world. The Real in this articulation of ours would be in the direction of the impossible, and, furthermore, in the use of the expression “what does not stop inscribing”, let us take this maxim a little further.

Keywords: REAL, PSYCHOSES, JOUISSANCE, OTHER, FORECLOSURE

Le Réel et son implication dans le corps dans les psychoses

Résumé

Le présent travail vise à établir une articulation du concept lacanien du Réel concernant l'orientation de la cure et la clinique des psychoses. Le Réel, l'ex-sistence de l'en-monde, c'est-à-dire : ce qui n'est pas le monde, c'est le Réel, après tout, on ne peut rien attendre d'un lien, ni même peu d'articulation, de mobilité ou de toute autre condition, soit en fait résistance et impasse, plus que cela ; irréductible à la logique, métamorphose de l'imaginaire, barrière au symbolique, le Réel n'est pas le monde. Le Réel dans cette articulation qui est la nôtre serait dans le sens de l'impossible, et, d'ailleurs, dans l'usage de l'expression « ce qui n'arrête pas d'inscrire », poussons un peu plus loin cette maxime. Mots-clés : RÉEL, PSYCHOSES, JOUISSANCE, AUTRE, FORCLUSION

Psicanalista. Professor da Pós-graduação em Psicanálise da Universidade Ibirapuera (SP)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2079-0404>

E-mail: joao.grecco@Ibirapuera.edu.br

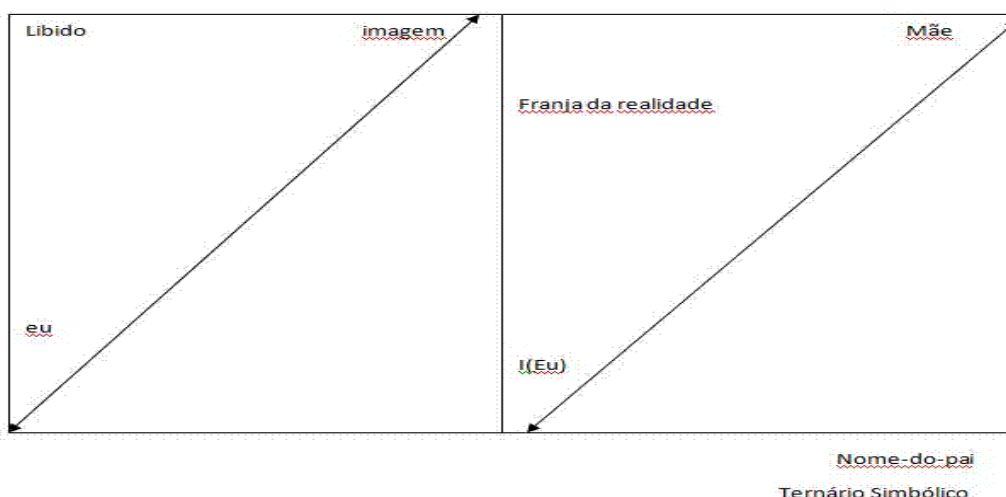
O Real tem a chancela de Lacan, conceito único imposto pela força de um sintoma inexorável. É um conceito difícil no ensino de Lacan, mas nem por isso deixamos de enfrentá-lo, visto que diferente de conceitos outros: sujeito, Outro, ou imaginário, onde sempre houve o reconhecimento de Freud, mas Lacan fará sua inscrição como real.

Se o conceito é difícil, requer empenho ao tratá-lo e em particular o que a nós diz respeito, esse artigo tomo em destaque a manifestação do real na clínica da psicose, portanto podemos pensar em Freud, o reconhecimento no artigo *A perda da realidade na neurose e na psicose* [(1924) 2007], as distinções cabíveis na reserva dos desejos, fantasias na qual a realidade material fará lugar no ser falante, este lugar de uma estratégia, de um só tempo a isolar o sujeito da realidade externa e dar a ele a possibilidade de ordená-la no recurso possível da fantasia, em que o sentido almejado apazigua a inquietação do trágico, do horror, da estranheza, do caos, de onde as manifestações fantasistas em pedaços constroem teia, trama a enlaçar esse sujeito fora do mundo.

Levo em conta a fantasia agora, na perspectiva de que por ela se constrói a realidade, seja de um trabalho alquímico que peneira e recolhe peças escolhidas da realidade material e disso faz um mundo, um mundo singular para o sujeito. Agora Lacan (1986), a observar que os processos de pensamentos, onde são dominados pelo princípio do prazer, são inconscientes, Freud já dava ênfase a essa noção; de fato, eles não chegam à consciência senão na medida em que se podem verbalizar em que uma explicação refletida o traz de volta ao alcance do princípio da realidade, onde uma consciência atenta, interessada no investimento a atenção, possa se surpreender em algo a produzir, e orientar-se em relação à realidade. De certa maneira, haveria como um campo, o enquadre e ali sim uma montagem, este efeito da articulação entre o Simbólico e do Imaginário desse lado e do outro, bem desse outro a da ex-intência do Real, deste lado onde à realidade seja um aparelho comandado e sustentado pela fantasia no centro do qual habita o desejo.

No texto inserido nos Escritos, intitulado “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose”, Lacan (1998) fará pela via topológica o campo da realidade e das relações que se estabelecem entre a realidade e fantasia.

Ternário Imaginário



Seja agora em que partamos do triângulo Imaginário e o triângulo simbólico onde haveria uma distribuição recíproca, isto é, de ambos os lados da que se possa constatar, isto é, a *faixa da realidade* e que dá um pouco mais tarde a noção forjada por Lacan de real.

O sujeito e o objeto articulados nessa relação de conjunção e disjunção onde se revelara a fantasia, está por sua vez seja marcada na expressão topológica.

\$oa

Assim nada melhor do que dar nome e sentido à letra, letra articulada na conjunção e disjunção do matema, isto é, da fantasia, onde o \$ é sujeito barrado do desejo, sujeito do recalque errante do significante, dividido e evanescente, agora o **a** este objeto perdido, objeto cauda do desejo, que detém a errância do sujeito, dando consistência de ser, consistência do gozo, seja a letra o que damos o conceito de real, este registro no qual concerne o gozo, desta maneira a letra, mas seja essa o **a** traçado pela escrita onde se aborda o Real.

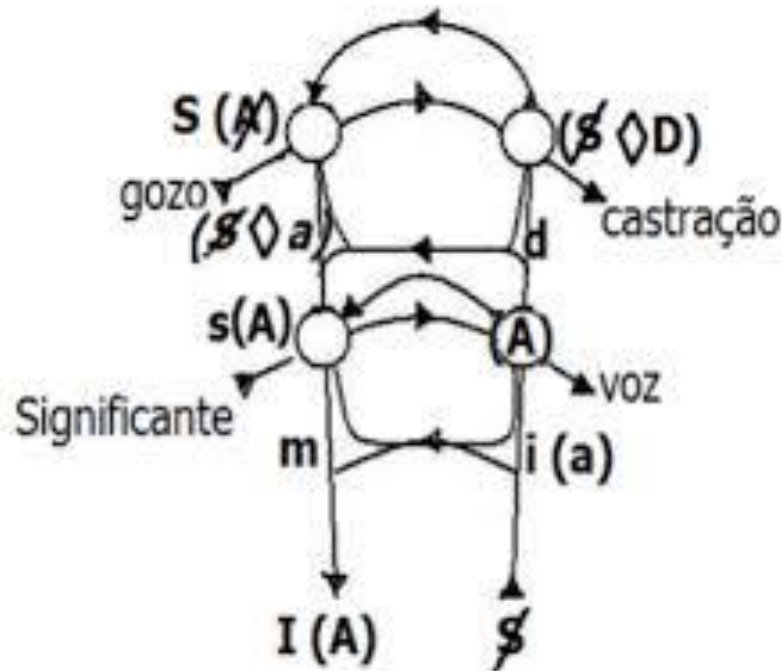
A realidade seja de uma articulação entre o Simbólico e o Imaginário, tomado de um contínuo e deslizamento e substituições onde o discurso, as palavras e as imagens tomadas no artifício do jogo significante que as transforma em metáforas e metonímias, postas em uma produção de sentido. Assim, a articulação e mudança de sentido são termos indispensáveis quando se propõe a articular e caracterizar a ordem da realidade, a realidade seja o mundo, e este um conjunto ordenado de sentido. Na psicose, esse mundo encontra-se sem sentido, sem ordem, sem articulação, logo a condição delirante ou alucinatória advém para pôr ordem e sentido, visto que, o delírio é ordem do sentido. Permanece, portanto, em aberto a possibilidade de que a determinação do sentido provenha de outro lugar que não do sujeito como consciência. Para Heidegger, a determinação do sentido é entregue pelo ser a seu destino diante de uma determinação do sentido para o qual é preciso estar perto, preservar, deixar-se (Juranville, 1987).

O Real, afinal seja ao contrário, a ex-istência do in-mundo, ou seja: isto que não é o mundo, é o real simplesmente, afinal dele não se pode esperar nada de vínculo, nem tão pouca articulação, mobilidade ou outra condição, ele seja de fato resistência e impasse, mais do que isso; irreduzível à lógica, a metamorfose do imaginário, barreira ao simbólico, o real não é o mundo (Souza, 1991). O real, nesta nossa articulação, estaria em direção do impossível, e, além disso, no uso da expressão de Lacan (1985), o Real “o que não para de se inscrever”, levemos essa máxima um pouco além. O que não para de não se escrever, é uma categoria modal que não é o esperado para opor ao necessário, que mais teria sido o continente, notem o necessário é conjugado a impossível e que esse não para de se escrever é sua articulação. Bem o que se produz é o gozo que não se deriva, e aí esta o correlato de não haver relação sexual, e o que é o substancial da função fálica (Lacan, 1985).

O Real está na relação no que concerne ao gozo, no que esse gozo tem de impossível, trata-se aqui não do gozo sexual ou fálico, mas trata-se do gozo nome próprio de uma satisfação paradoxal que sempre e nunca satisfaz a heterogenia e a homeostase do prazer – desprazer atravessado pela categoria do impossível, esta função do impossível deve ser abordada sem prudência, como função que se apresenta em forma negativa, não seria viável tomar também essa função pela negação, isso nos levaria sobre a questão do possível e o impossível não é forçosamente o contrario do possível, ou bem ainda, porque o oposto do possível é seguramente o real, seremos levados a definir o real como o impossível (Lacan, 1985).

Falar ou tomar a expressão gozo requer atenção e cuidado, visto que a que se designa gozo, qual seria a tônica a ser tratada: ser o gozo do Outro, gozo do corpo na distinção de outro, inscrito no simbólico dito gozo fálico gozo do Um, gozo significante, ou gozo-fora-do-corpo, corpo não na concepção da biologia, mas corpo tomado pela

realidade significativa, lugar da determinação significativa do sujeito, um lugar prévio do sujeito, tomo a expressão de (Lacan, 1998) bem como já formatado o grafo do desejo como ilustrativo.



A topologia visa introduzir o grafo que no qual possamos fazer uso dele, tendo sido construído e ajustado a céu aberto para situar, em sua disposição em patamares, a estruturar mais amplamente pratica dos dados e nos servira a fim de apresentar onde se situa o desejo em relação ao sujeito definido por sua articulação pelo significante, (Lacan, 1998), bem, poder-se-ia dizer o gozo do Outro ou o gozo do corpo teria um tom paradoxal, a menos se fosse nossa intenção assinalar uma não distancia ou ausência de separação entre o gozo e o corpo, entre o gozo e o Outro, a essa condição seja da ordem do impossível para um sujeito cuja natureza significativa toma antimônios gozo e corpo, e faz excludentes do gozo e significante (Souza, 1991).

Nessa linha de pensamento, a psicose e a relação do gozo a ser deduzida a partir da forclusão do Nome-do-Pai e seu correlato, isto é, a ausência do falo, ali onde o significante é a condição de possibilidade de um gozo regulado, limitado e simbolizado, gozo de fato sexual, ora a ausência desse significante implicado a uma perturbação da economia do gozo, onde o desarranjo que é a natureza mesma desse gozo sem freios, ora seja que o psicótico não é um sujeito do gozo, não tanto quanto um neurótico ou perverso, o sujeito do gozo seja o que nos diz (Lacan, 1976): “um sujeito mítico, face sensível do ser vivente, essa coisa insondável, capaz de experimentar algo entre o nascimento e a morte, capaz de abranger todo o espectro de dor e prazer numa palavra dita em francês *sujet de la jouissance*”. O que de certa maneira vacila no nível da simbolização nos permite pensar algo no nível do real do gozo na psicose, e diante de determinados fenômenos clínicos e que ocupa destaque seja no plano da angústia, esta que não engana, onde o real inacessível aparece. A estrutura da psicose seja pela via da paranoia ou esquizofrenia, podemos pensar que o Outro subjetivado goza, sim goza sem que o Nome-do-Pai, este foracluído venha a fazer barreira, interdição ou impor obstáculos, mas sim cria uma distância que afinal projeto o psicótico desse gozo indomado, selvagem e obsceno, e causador de dor e culpa.

Outro gozador visto ser ele uma presença consistente na psicose, por outro lado há a ausência do enigma e a incógnita, este por sua vez sejam os elementos que possam constituir o Outro em sua dimensão de alteridade radical, ora se a tese em questão visa um tratamento possível da psicose e à incursão do psicótico no laço social frente o real na clínica na relação da transferência, nada mais pontual o dito de (Lacan, 1988), na dimensão especular do Outro e o nele seja embutido no signo e no discurso.

E por que um A maiúsculo? Por uma razão sem dúvida delirante, como a cada vez que se é forçado a empregar signos suplementares aquilo que é fornecido pela linguagem. Em razão delirante é a seguinte. *Você é minha mulher* – afinal, o que sabem vocês disso? *Você é meu mestre* – de fato, estão vocês tão certos disso? O que constitui precisamente o valor fundador dessas falas, é que o que é visado na mensagem, como também o que manifesta no fingimento, é que o outro está aí enquanto Outro absoluto. Absoluto, isto é, que ele é reconhecido, mas que ele não é conhecido. Da mesma forma, o que constitui o fingimento é que vocês não sabem no fim das contas se é um fingimento ou não. É essencialmente essa incógnita na alteridade do Outro que caracteriza a ligação da palavra no nível em que ela é falada ao outro. LACAN (1988), p. 49.

Na psicose seja está com maior ou menor recurso paranoides, o Outro seja este parceiro, amado, odiado, um rival ou idealizado é sempre conhecido, desse conhecido as falas, ou melhor, todo seu arcabouço discursivo constata-se de maneira singular a condição de objeto de gozo do Outro.

O psicótico em sua relação ao Outro é de objeto, mas objeto parcial, resto, dejetos que o real responde a falta do Outro, em (Schreber, 2006) é na figura de Deus a determinação de ser servo e padecer com o corpo, a virilidade em seja usufruto desse Outro insensato, egoísta e cruel.

A psicose e o que dela responde em sua dimensão estruturante, o gozo do Outro no psicótico se faz objeto, e algumas vezes, esse gozo que em seu excesso condena o sujeito a ofertar de si, em parte ou no todo. Seja não uma oferta simbólica, sendo este recurso facultativo do neurótico, mas entrega o real, uma libra de carne ou quando os corpos por inteiro desvaneceram assim o psicótico com sujeito, a morte bate a porta na via da passagem ao ato, as mutilações e autoflagelamentos que se constata na experiência clínica nos pacientes psicóticos estão em sintonia com experiência fundada no delírio de o Outro lhes quer: À pergunta “*que queres de mim?*”, o psicótico responde em Ato: “*Ele quer minha perna*”, no contra ponto disso diferente do neurótico este por sua vez se encontra protegido pela barra do recalque, se faz surdo à voz do Outro, já o psicótico além de ouvir leva isso a sério essa voz, bem não é uma voz assim, mas essa seja imperativa, densa que do real, brada, grito, fere, determina o impossível.

Daquilo que chamamos voz, conhecemos bem, bem isso supomos a pretexto de conhecermos seus dejetos, as folhas mortas, das formas vozes perdidas da psicose, seu caráter parasitário e sob a forma imperativa interrompidas do super Eu, (Lacan, 2005), assim o que seja revelado nessa nova dimensão a princípio, deve estar mascarado no nível precedente, ao qual seja preciso retornar por um instante, a fim de dar ciência o que traz de novo o nível em que aparece a forma do **a** que se chama voz.

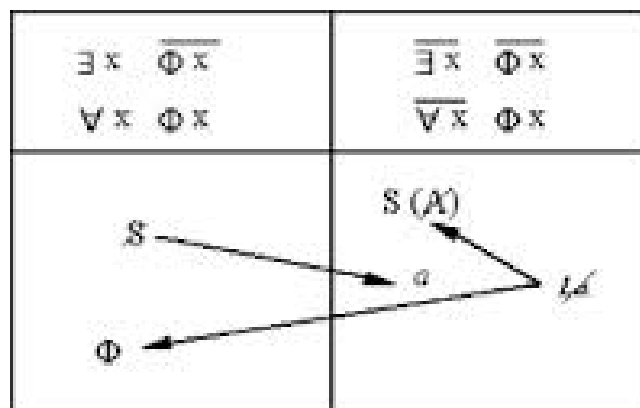
A voz que atormenta o psicótico, que voz seja essa, é uma voz em ato, voz real, impossível de apreender pelo significante que faz sua aparição de modo errático, na forma de cadeira quebrada, significante rompido como testemunho o caso (Schreber, 2006) *As conversas das vozes mudam continuamente e até mesmo neste período relativamente curto de tempo, em que me ocupo da realização deste trabalho, elas já sofreram diversas modificações. Já não se ouvem mais muitas das expressões que antigamente eram*

habitadas, em particular as que lembravam o “pensamento-de-não-pensar-em-nada”, p.210,211.

Aí está o bloqueio do pensamento pela perturbação radical associativa, comum seja na esquizofrenia em estados de inanição verbal e aproximação a um efeito catatônico, mas de outra maneira de se constatar que a voz na psicose se atualiza na forma de mandamentos impossíveis, isso seja constatado na alucinação verbal, isto é, a voz do Outro que se faz ouvir e que grita, sussurra, brada, a um só tempo, tempo impossível de ser desobedecido, sempre vivo está o sujeito na impossibilidade de cumprir o comando da voz a voz do Outro.

Mas, para encontrar a metáfora que possa realizar os devidos deslizes da metáfora diante desses imperativos, seja a tarefa de vida do psicótico, esta tarefa seja de sucesso ou fracasso determina o destino do sujeito na psicose, destino à deriva e os acontecimentos graves ou derrisórios vira compor, sem aliás impor sua cota de sofrimento, aquilo que se poderia chamar a experiência trágica da loucura, (Souza, 1991) onde a passagem ao ato na marca da angústia determina ao psicótico seu destino.

Seria assim a saída de Schreber, ao encontrar de maneira chistosa a metáfora – mulher de Deus – onde seja possível reordenar seu destino em viver a vida não isenta de penas, mas sem excesso de sofrimento, uma vida recuperada em seus direitos como cidadão. Na ausência do significante fálico, o psicótico tenderia para o que próprio da mulher, cuja condição seja definida pelo não - todo atrelado a lei fálica. Ao inserir o matema da sexuação, a nós que estamos a dizer a respeito da psicose, agora seria de fato importante levar em conta a psicose na sexuação.



Se atentarmos o propósito desse artigo, ele terá ao levar em consideração o tratamento possível da psicose e a incursão no laço social frente ao Real na clínica e sua relação com a transferência, as nuances do ato analítico, nada mais justo considerar que o discurso analítico visa o sentido, e indica que esse sentido é sexual, isto só pode ser para dar razão do seu limite, e isso é o que aponta (Lacan, 1985), mas o que o discurso analítico faz ao desabrochar é a ideia de que esse sentido é aparência, assim o sentido indica a direção na qual fracassa, mas de outra feita, a interpretação em sua visagem estaria atrelada ao que (Lacan, 1985) chama de função fálica a operar na partilha dos sexos.

Se o ser falante representado no matema acima inserido, à esquerda - $\forall x . \Phi x$ indica que o homem como todo está inscrito, exceto que essa função encontra seu limite na existência de um x pelo qual a dita função Φx é negada $\exists x \Phi x$. Agora está posta o que chamamos a função do pai, de onde advém pela negação a proposição, isto é, o que funda o exercício do que supre pela castração, a relação sexual, (Lacan, 1985), bem agora o outro lado, a parte da mulher inscrita no ser falante, desta maneira o todo ser falante é

permitido, qualquer que ele seja, quer ele seja ou não provido de atributos masculinos, inscrever-se nesta parte, ora se ele se inscreve nela, não permitirá nenhuma universalidade, será não todo, no que tem a opção de se colocar Φx ou bem de não estar nela, (Lacan, 1985).

A partir dessas considerações que não se esgotam, agora podemos inserir a psicose na sexuação, isto é, a partilha dos sexos que visa à função fálica. E do lado do homem se encontra a função universal do falo, visto que todos inscritos na função universal estão na função fálica, para que isso se sustente, seja necessária uma proposição que negue, isto é, seu limite, uma exceção que confirme a regra. Se a regra seja a castração simbólica a todos os homens haveria uma estrutura que exigiria uma exceção que estivesse fora do universal da castração, isto é, não a função fálica, bem assim esse fora da condição fálica masculino da sexuação é sustentado pela função do Pai, mas de outra feita, essa estrutura da função Pai seja equivalente ao Nome-do-Pai, ou seja, o significante da exceção, sem representação, que constitui todos os outros como um conjunto, o tesouro de significantes (Quinet, 1997).

Agora o lado do feminino, onde a mulher tem que se tomar uma a uma, pois não existe uma exceção para fundar o universal de todas as mulheres, se não há um universal nem exceção: a mulher não existe. Isso não quer dizer que as mulheres não tenham relação com o falo, muito pelo contrário, pois não haveria mulher que não tenham relação com a função fálica, no entanto, e devemos estar alerta de que nem tudo do sujeito feminino tem relação com o falo, visto que as mulheres não estão inscritas na função fálica, assim possamos concluir de que; é o *não tudo fálico* que define a posição feminina.

Nesse mesmo rumo, na psicose a função fálica está ausente em razão da foraclusão do Nome-do-Pai, desta maneira fica evidente de que não há universal de todos os homens, os homens perderiam a consistência, em Schreber nas suas manifestações delirantes, haveria uma catástrofe imaginária onde todos os homens seriam imagens de homens feitos às pressas (Quinet, 1997). Isso quer dizer que em Schreber a proposição universal da castração não ocorreria, desta maneira, não há o conjunto dos homens onde ele poderia localizar-se como sexuado.

O efeito disso destaca na expressão de Lacan o empuxo – à – mulher específico na psicose, onde o encontro de Um-pai, (Lacan, 1985) como sem razão pode haver um desencadear da psicose, e empurrando o sujeito para o lado feminino. Constatam-se essas articulações no caso Schreber, na estabilização do delírio onde estará forçada a virar a mulher de Deus. Pois sem negar que o delírio faça essa tentativa, por um lado a inexistência do significante de A Mulher faz da eviração do sujeito um projeto assintótico em que A Mulher estaria no infinito, e por outro lado, Deus também se feminiza (Quinet, 1997).

Isso tudo conduz em que a relação do sujeito com o Outro seja da ordem de uma mistura, e faz também no caso Schreber este se situar como exceção e encarnar a Uma a partir de sua invenção criacionista do significante Mulher de Deus, ora o gozo que se implica aqui não são um gozo fálico, mas místico, o seja o gozo em questão é relativo a essa mistura do sujeito com o Outro (Quinet, 1997). Partamos para o que na psicose fracassa, ou seja, o amor, esse tal fracasso do amor vem suprir a não inscrição da relação sexual, e na neurose como fica, o amor vem no lugar da castração que faz com que o homem e a mulher não saiam com o pretendido.

Um amor sem castração estaria na erotomania – O Outro me ama – o que distinguiria do amor erótico e do amor de transferência, ele é de fato o verdadeiro amor. Por outro lado, amor místico o gozo é relativo à falta no Outro [S (A)] o que seja requisitado para que o gozo em jogo do lado feminino seja suportável na ausência da função que o legalize (Quinet, 1997), ora o gozo na psicose nem sempre requisita o amor

e em se tratando de amor a erotomania feminina heterossexual possa ilustra de que uma mulher só encontraria um homem na psicose, reportamos as nossas inscrições anteriores ao relatar Aimée e sua incursão ao príncipe de Gales, mas isso não seria, portanto um impedimento de que a construção delirante tomando como alvo suas perseguidoras, no caso de Aimée e diante de nossa pratica a construção erotomaníaca, seja ela nesse amor sem castração a fazer-se em ato ou discursivamente delirante, possamos de fato constatar na expressão de (Quinet, 1997) um muro, ou um muro de arrimo para barrar e circunscrever o gozo do Outro, isto é, o amor que dele emana.

Assim, a erotomania estabelece uma delimitação e enquadramento do gozo no lugar do Outro, o amor se prestaria a construir esse muro de arrimo, dessa instancia a erotomania estaria na tentativa de cura pela via do amor.

A questão relevante estaria que essa tentativa de cura estabelece uma condição de que fosse possível em detrimento de toda a intempérie em está submetido à incursão no laço social. As condições das instabilidades na psicose estão na construção do sistema delirante que autoriza que um intervalo feito de significantes, que se instale no psicótico e seu Outro, esse delírio instalado aí, abriria no psicótico uma linha de fuga, e com isso amortizaria a dolorosa exposição do retorno alucinatório, condição na qual se veem reduzido e deixado na posição de resto, decaído, objeto real do gozo do Outro.

Essas condições já mencionadas, ou seja, as instabilidades tão singulares na psicose e seus efeitos na clínica, onde a condição de uma experiência analítica de um manejo, sendo esta pratica a manejar e a bordear essas avalanches do real a decantar do sujeito pela via da alucinação e dos arranjos alucinatórios nos dão testemunho em que a problemática do gozo no lugar do Outro, onde se concerne de maneira primordialmente ao real, definindo a estrutura da psicose.

A paranoia toma as manifestações delirantes como um eficiente sistema de defesa, o delírio rigoroso, coerente e continuo no interior das ideias faz uma proteção da invasão do estranho e trágico, e elabora uma rede, teia ou máquina de influenciar de significações onde o terreno do vivido, seja neutralizada e assim transformada em uma experiência extraordinária e do outro lado uma exuberância de sentido por outro, desta maneira o delíria acaba sendo a condição necessária como meta para que o Outro venha a ser subjetivado, colocado para fora, mantendo distância, ao passo que isso não ocorre na esquizofrenia, visto que o despedaçamento da estrutura do Outro subjetivado deixa o esquizofrênico aberto, invadido, escancarado ao retorno do gozo.

A esquizofrenia difere da paranoia em suas variadas formas, aja visto que a esquizofrenia não conta com o recurso do sistema delirante que defende o paranoico do gozo do Outro, ora, mas nem por isso o esquizofrênico deixa de delirar, e se o faz as suas ideias delirantes fragmentarias carentes de verossimilhança e furada na coerência, mas de qualquer forma um artifício para barrar o gozo do Outro. Bem o que evidencia não só por essa linha de conceito e também na pratica vivida na clínica da psicose é que as ideias delirantes e suas manifestações permeadas de estereotípicas da linguagem e, além disso, sua ação ou ato, passagem ao ato na forma de ataque a si e fora de si. Poderíamos encarar que tudo isso seja a composição de táticas de resistência e de uma dramática manifestação a se opor ao aniquilamento e à morte.

A isso damos testemunho do real, o real da clínica na relação transferencial, onde a psicose nos mostra, sem ambiguidade de que o gozo do Outro é letal, mortífero, aniquilador e perseguidor e isso cabe a todos os sujeitos, sujeitos dotados de fala na exigência trabalhosa permanente de fazer e refazer a trama, o tecido que proteja o sujeito, a sujeitado pela interdição do olhar mortífero cobrindo de horror em face de crueldade e a judiação nua do gozo do Outro.

Na perplexidade da relação com a linguagem e no fenômeno psicótico o tratamento delirante, a nossa questão fundamental, na qual haveria por parte do sujeito um jeito de contornar o imaginário e por assim dizer burlar as leis simbólicas na construção de um significante totalitário, dos fenômenos de linguagem que são típicos da paranoia e da certeza delirante. Isso poderia ser abordado mais adiante, em outra ocasião e na qual as condições e como se poderia dimensionar um tratamento possível da psicose e do sujeito da forclusão do Nome-do-Pai frente ao laço social.

Conclusão

Nosso propósito neste trabalho foi de ofertar a partir do conceito lacaniano dos três registros, isto é, o Imaginário o Simbólico e o Real, esse último na dimensão da incidência no trato como estrutura e seus efeitos na clínica da psicose. Podemos aludir na seguinte dimensão, do outro lado, na psicose, o Eu se manifesta de maneira diferente, rejeitando qualquer intenção pulsional, na tentativa de resignificar o que foi rejeitado, e elabora uma nova realidade, que terá papel relevante em detrimento da primeira.

A construção elaborada por Freud ([1911] 2010) a respeito da esquizofrenia e da paranoia pode ser expressa da seguinte maneira: Na esquizofrenia, as condições de fixação nos remetem ao autoerotismo e à homossexualidade no decurso do desenvolvimento libidinal, e se situa entre o narcisismo e o amor objetal. Na paranoia, em contrapartida, se fará entre o retorno da libido ao narcisismo, mas, por outro lado, haveria uma ativação da homossexualidade até então latente, e a sexualização da pulsão na qual se encontraria inibida.

Assim, na paranoia, o desejo homossexual será visto como insuportável e rejeitado, e a condensação possível estaria na formulação: “Eu (um homem) o amo (um homem)”. A defesa, em oposição ao desejo inconsciente, será posta em contradições em que incidira no predicado, o objeto, e o sujeito da oração como um todo, e a transformação do afeto e as substituições das percepções (*percipiens – perceptum*) apontam a relação do psicótico com o Outro, e a maneira de defender-se de algo que esse Outro lhe cause (Grecco, 2015).

Em Lacan como salientamos haveria da psicose um gozo sim, em outra dimensão do que Freud constrói na interpretativa do caso Schreber, uma dimensão a partir da hipótese da Forclusão do Nome-do-Pai e seu correlato, ou seja: a ausência do falo, significante que é a condição de possibilidade de um gozo regulado, limitado, simbolizado gozo propriamente sexual, onde ali na ausência desse significante implicando forçosamente uma perturbação da economia do gozo, um desarranjo que é a natureza mesma desse gozo sem freios (Souza, 1991). Na finalização, nunca é de mais salientar, portanto, que nossa intenção ao dar ênfase ao Real na forja de Lacan este por sua vez será revestida de uma maneira claudicante na simbolização e fará uma indução a postular algo do Real do gozo na psicose. E podemos averiguar nos fenômenos clínicos em que a angústia alia o afeto que não engana e na via régia na qual todo Real, inacessível, inapreensível, dá sua cara, seu sinal.

Referências

- Freud, S. (1891). Sobre a Concepção das Afasia – um estudo crítico. Trad. Emiliano de Brito Rossi. *Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- _____. (1893). Esboço para a “Comunicação Preliminar” de /Carta a Josef Breuer, [1893(2006)] *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, V. I. Rio de Janeiro, Imago, 2006.
- _____. (1894) As Neuropsicoses de Defesa. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. V III, Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006.
- _____. (1895). Casos Clínicos I (Anna O. e Emmy von N.). Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997.
- _____. (1895a). Projeto para uma Psicologia Científica, Publicação Pré-psicanalítica e esboço inéditos. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. V I, Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. (1895b). Manuscrito G: melancolia. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. I, p.246-253.
- _____. (1896). Carta 52. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos (1886-99) In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. I Rio de Janeiro, 1996. *Obras Psicológicas Completas*, vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1896). Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa. In: *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, V. III, Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. (1900) A interpretação dos sonhos (1900) (primeira parte). In: *Obras Psicológicas Completas*, vol. IV e vol. V. Rio de Janeiro: Imago 1996.
- _____. (1911). Observações Psicanalíticas sobre um Caso de Paranoia (Dementia Paranoides) Relato Autobiográfico (Caso Schreber). In: FREUD, S. *Obras Completas V. X*. Trad. Paulo Cesar de Souza, São Paulo. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. (1913). Totem e Tabu. In: *Obras Psicológicas Completas*. Trad. Órizon Carneiro Muniz, V. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 21-167.
- _____. (1914 a). Introdução ao Narcisismo. In: FREUD, S. *Obras Completas volume 12*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. (1914 b) À guisa de introdução ao narcisismo. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud*, escritos sobre a psicologia do inconsciente. Trad. Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, V.I, p. 95-132, 2004.
- _____. (1915) O inconsciente. In: FREUD, S. *Obras Completas volume 12*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. (1915a) O Recalque. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud*, escritos sobre a psicologia do inconsciente. Trad. Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, V. I, p. 175-193, 2004.
- _____. (1915b) O Inconsciente. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud*, escritos sobre a psicologia do inconsciente. Trad. Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, V. II, p. 13-74, 2006.
- _____. (1915c) Pulsões e destino da pulsão. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud*, escritos sobre a psicologia do inconsciente. Trad. Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, V. II, 2006.

- _____. (1917) Luto e Melancolia. Trad. Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- _____. (1923). O Eu e o Id. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud*, escritos sobre a psicologia do inconsciente. Trad. Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, III, 2007, p. 13-71.
- _____. (1924a) Neurose e psicose. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud*, escritos sobre a psicologia do inconsciente. Trad. Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, V.III, p. 93-102, 2007.
- _____. (1924b) Perda da realidade na neurose e na psicose. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud*, escritos sobre a psicologia do inconsciente. Trad. Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, V.III, p. 125-134, 2007.
- _____. (1925). A negativa. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud*, escritos sobre a psicologia do inconsciente. Trad. Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, III, p. 145-157, 2007.
- _____. (1938) Uma cisão do Eu no processo de defesa. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud*, escritos sobre a psicologia do inconsciente. Trad. Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, V. III p. 171-180, 2007.
- _____. (1930). O Mal-estar na Civilização. *Sigmund Freud obras completas*, vol. 18, Tradutor: Paulo Cesar de Souza, São Paulo, Companhia das Letras, 2010.
- Garcia Roza, A.L. Introdução á Metapsicologia Freudiana, I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- Gerbase, J. A Hipótese de Lacan. (2009). *A Peste* Revista de Psicanálise e Sociedade, V.1, n.1, p. 101 – 110 jan./jun.
- Guerra, A. M. C. (2010) *A Psicose, 1971* – Rio de Janeiro: Zahar.
- Grecco, J.E. (2005). *A Paranoia e o Aparelho de Influenciar*. Dissertação de Mestrado, PUC-SP.
- _____. (2013). Autismo – Clausura da Linguagem. IV Jornada de Psicanálise: Autismo, Ética e Política. Colóquio do FCL Campo Grande. Disponível em: <http://www.fundamentalpsychopathology.org/uploads/files/Anais%20CONGRESSO%202014/Mesas%20REDONDAS/108.3.pdf> Acessado em maio de 2015.
- _____. (2015) A forclusão do Nome-do-Pai e as dificuldades do psicótico no laço social: de um tratamento possível da Psicose. Tese de Doutorado, PUC-SP.
- Juranville, A. (1987) *Lacan e a Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- Katz, S. C. (Org.). (1991). *Psicose uma leitura psicanalítica*. São Paulo: Escuta.
- LACAN, Jacques. (1932). *Da psicose paranoica e suas relações com a personalidade* – Primeiros escritos sobre a paranoia (caso Aimée). Trad. Aluísio Menezes, Marco A. C. Jorge e Potiguara M. da S. Jr. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- _____. (1966). *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. De nossos antecedentes In *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 69-76.
- _____. (1946). Formulações sobre a causalidade psíquica. In: *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 152-194.
- _____. (1949). O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. In: *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 96-103.

_____. (1953). Função e Campo da fala e da linguagem. In: *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 238-324.

_____. (1954). Resposta ao comentário de Jean Hyppolite. In: *Escritos* Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 383-401.

_____. (1953-1954). *O Seminário Livro I: Os escritos técnicos de Freud*. Trad. Betty Milan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

_____. (1954-1955). *O Seminário Livro II: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Trad. Marie Christine L. Penot e Antonio L. Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

_____. (1955-1956) *O Seminário Livro III: as psicoses*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Versão de Aluísio Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

_____. (1956). Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956. In: *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 461-495.

_____. (1956-1957) *O Seminário Livro IV: A relação de objeto*. Trad. Dulce D. Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

_____. (1957). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 493-533.

_____. (1957-1958). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 537-590.

_____. (1957-1958) *O Seminário Livro V: As formações do inconsciente*, trad. Vera Ribeiro, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999.

_____. (1958). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 591-652.

_____. (1960). Observação sobre o relatório de Daniel Lagache. In: *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 653-691.

_____. (1960). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 807-842.

_____. (1960). Posição do Inconsciente. In: *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 843-864.

_____. (1960-1961). *O Seminário Livro VIII: A Transferência*. Trad. Dulce D. Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

_____. Da estrutura como intromistura de um pré-requisito de alteridade e um sujeito qualquer. Controvérsia estruturalista. São Paulo: Cultrix, 1976, p. 206 – 207.

Quinet, A. (1997) *Teoria e clínica da psicose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

_____. (Org.). (2002). *Na Mira do Outro a paranoia e seus fenômenos*. Rio de Janeiro: Marca d'Água Livraria e Editora.

_____. (2006). *Psicose e laço social, esquizofrenia, paranoia e melancolia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____. (Org.). (2001) *Psicanálise e Psiquiatria: controvérsias e convergências*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos. Disponível em http://egp.dreamhosters.com/EGP/161-a_ciencia.shtml Acessado em maio de 2015.

_____. A ciência psiquiátrica nos discursos da contemporaneidade. Texto online, disponível em <http://lacanian.memory.online.fr/AQuinet_Ciencia.rtf> Acessado em junho de 2015.s/d.

Schreber, D. P. (2006) *Memórias de um doente dos nervos* (Schreber). Trad. Marilene Carone. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

Souza, N. S. (1991) *A Psicose*, um estudo lacaniano. Rio de Janeiro: Campus.

Citação/Citation: Grecco, J. E. (2022) O Real e sua implicação no corpo nas psicoses. *Trivium: Estudos Interdisciplinares* (Ano XIV, no. 2.), pp. 37-49.

Recebido: novembro de 2020

Aprovado: setembro de 2021